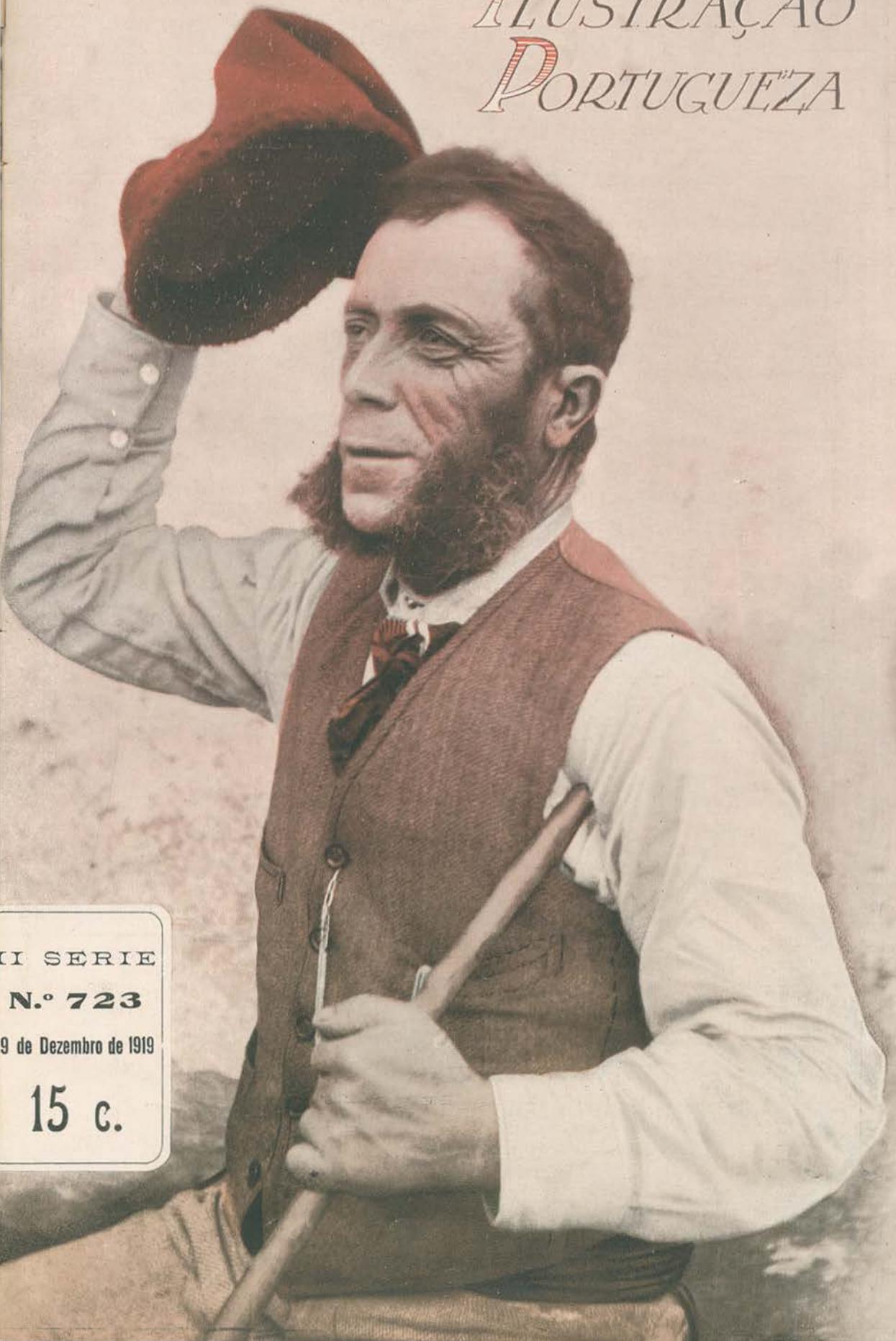


ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA



II SÉRIE

N.º 723

9 de Dezembro de 1919

15 c.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 1890 ctv.
Semestre 3875 "
ANO 7850 "

Redacção, administração e officinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA



DEPILATORIO "VENUS"

Faz desaparecer instantaneamente
todos os pêlos e o buço.

Esta nova descoberta, a ultima palavra da sciencia, dá resultados maravilhosos. Nenhum produto pôde ser-lhe comparado.

Este po não é caustico. Pôde empregar-se sem receio para a pele mais delicada.

Empregando metodicamente o Depilatorio «Venus», chega-se em breve a destruir o bôlbo e o pêlo não torna a crescer.

A' venda na **PÉRFUMARIA DA MODA, 5, Rua do Carmo, 7**, o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drogarias e principaes casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a
AYRES DE CARVALHO, Rua Ivens, 31, Lisboa
sede dos escritorios e fabrica



Vêr na proxima quarta-feira o **Suplemento de Modas & Bordados (DO SECULO)**, Preço 3 centavos.

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam
sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue,
anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º



M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: completa
veracidade na
consulta ou reembolso
do dinheiro.

Consultas todos os
dias uteis das 12 às 2
horas e por correspondencia.
Enviar 15 centavos
para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (C. do
mo da rua d'Alegria,
predio esq. n.º 1)

ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que

- VINHO •
- XAROPE •

DESCHIENS (PARIS)

de Hemoglobina

CURAM SEMPRE

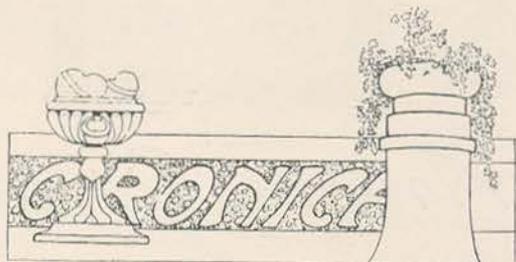
ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 723

Lisboa, 29 de Dezembro de 1919

15 Centavos



GABRIEL D'ANNUNZIO ocupando Fiume está provado que fez não só um gesto político mas um belo reclamo literario. E tão belo que um editor americano se propoz comprar-lhe os direitos das suas obras e o poeta por eles pediu dollars, muitos dollars, um aluvião de dollars. Está bem. E' mais uma intrujisse, porque todos sabem que o sr. d'Annunzio é um cabotino e que o Tasso morreu quasi de fome, como o Chatterton e o nosso Camões.



De maneira que nos cartazes o *Intruso*, o *Episco; o & C.ª*, a *Nave*, a *Filha de Jorio*, e outras obras serão anunciadas como sendo do vencedor de Fiume e serão vendidas como se o Gabriel d'Annunzio fosse o marechal French ou o Joffre de grandiosa memoria.

Só os literatos portuguezes não o temem nem mesmo editores portuguezes e quanto a dollars conhecemos de tradição, por ter ouvido dizer, como um facto mitológico ou algum habito de tribu antropofaga.

A aguia alemã debate-se nas mãos vigorosas de Clemenceau. Mas, pobre aguia desplu-



mada e sem garras, inutil é o seu esforço e quanto tempo virá ainda antes que ela retome o seu aprumo e tenha de novo forças para libar o ceu.

Um fato custa um conto e quinhentos. Não haveria maneira de voltarmos de novo ao tempo de Pombal — o fato de briche obrigatorio? Roque Gameiro já veste das fabricas nacionais e muitos lhe seguem o exemplo. Porque não o seguem todos, deixando as fazendas inglezas com que os alfaiates nos esfolam?



Maré cheia de exposições. A de Leitão de Barros, a de José Campas, a de desenho e aguarela e a de Falcão Trigo. Bom é que muitas se façam. Assim lucra a arte, o artista e o publico. A arte por que de todas essas exposições sempre alguma coisa fica, o artista porque trabalha e alguma coisa vende, o publico por que cria um gosto artistico e aprende a querer a uma coisa que o distrae e que ao mesmo tempo o civilisa. E vamos que nem sempre é tudo mau na vida.



(Ilustrações de Roicha Vieira)

Dimise



Isabel

POR

Antonio Patrício

Ilustrações
de

D. SOFIA DE SOUSA

QUADRO PRIMEIRO

No jardim. À esquerda, uma escada que conduz ao Paço. A gradaria, ao fundo, é lanceolada, com rosas de toucar e vinha virgem. Para além, um largo irregular. Casaria na penumbra. Entardecer. Muitos mendigos esperam junto às grades. Há um murmurar contínuo de impaciência. Os guardas, indiferentes, não respondem.

UM DOS MENDIGOS

Eu não arredo pé. Ela há-de vir.

UMA MULHER

Nunca veio tão tarde.
O que será?...

UM MENDIGO VELHO

Que te importa a tar-
dança, se ela vem? Espe-
ro aqui até noite fechada.

OUTRA MENDIGA

Mais alegria ainda
quando a virmos.

VOZES DE MENDIGOS

Como nós. — Porque
não abrem o portão, os
guardas? — Descerravam
— no sempre ao entarde-
cer. — Estará enfêrma?
Está enfêrma a Rainha?
Dizei, dizei se está enfêr-
ma...

UM DOS GUARDAS

A Rainha não vem,
nunca mais vem. Ide pe-
dir às portarias, aos con-

ventos. Daqui, eu já vos disse, muitas vezes,
nada podeis esperar...

UMA MENDIGA

El-Rei não está: saíu há muito. Foi a ca-
valo, vi-o eu. Há muito...

OUTRA MENDIGA

Então, se El-Rei não está, porque não vem?
Que terá ela, meu Deus? Que terá ela? (*Aos
guardas*). Deveis saber;
dizei: deveis saber...

UM GUARDA

Não tenho que dizer-
vos. Já vos disse. A Rai-
nha não vem. Ide-vos.
Ide-vos. E' melhor ir
agora: quando não...

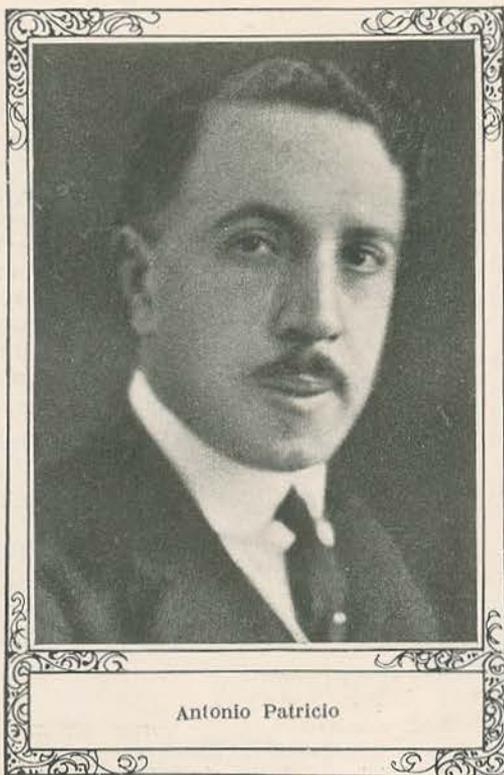
*O crepúsculo descai: já es-
curece.*

O MENDIGO VELHO

Nenhum de nós se
vá, nenhum se vá.

VOZES DE MENDIGOS

Nenhum, nenhum. —
Ela há-de vir. — Está com-
nosco sempre. Ela não
tarda. — Ninguém me ar-
ranca daqui sem ela vir.
— Nem a mim. Nem a
mim. — Eu sinto que não
tarda. — O primeiro que
a vir, levante as mãos.
Que ela nos veja todos
de mãos postas. — Ela
disse-me: «No jardim do





Paço, ao entardecer...» E' aqui. Passava a noite aqui à espera dela.—Como escurece, vê, está quasi escuro...—Vamos rezar em côro, se tardar...—Quando vier, eu digo-vos: vereis. Ainda antes de a ver, sinto-lhe os passos. Parece que caminha dentro em mim.

O MENDIGO VELHO

Vem ao dar das Trindades, vós vereis. E' que a fornada começou mais tarde, e quer trazer-nos pães, como costuma.

UMA MENDIGA

Eu quando rezo, oiço-lhe a voz em mim. E' como um sino ao longe... Voz do céu.

UM MENDIGO

Mas porque não vem ela?... Eu não atino. Se está no Paço e se saíu El-Rei... (*Apointando os guardas*) Porque não dizem êles?... Sois de pedra?...

VOZES DE MENDIGOS

Estará presa no Paço... Ela, a Rainha!.. —Não tendes siso. Presa a nossa santa!...— (*Aos guardas*) Sois de pedra?...—Dizei, onde está ela?—Vamos rezar em côro, e ela há-de ouvir-nos... Dizei, dizei: Eh! Não ouvís?... A Rainha! A Rainha! Onde está ela?

UM DOS GUARDAS

Livre-vos Deus que El-Rei vos veja aqui! Não quereis ouvir? Depois arrependeis-vos...

O MENDIGO VELHO

Nenhum de nós se vá, nenhum se vá. Diz-me o coração que vem aí...

UMA MENDIGA

Não se ouvem as fontes. Que será? Parece que secaram de repente... Ora escutem, escutem: eu não oiço...

OUTRA MENDIGA

Os guardas sabem com certeza, mas não dizem. Não os deixam dizer. Porquê? Porquê?... E' sempre a mesma coisa:—«Ide-vos, ide-vos. Ide pedir às portarias, aos conventos.»—Cuidam que é só a esmola. E a mão que a dá?... e o seu olhar quando ela vem

a nós?... Trago-o em mim todo o dia a alumiar...

UMA CEGUINHA

Eu começo a ter medo. Esta tardança... Não se ouvem as fontes. E' são cinco. Conheço-lhes as vozes uma a uma. Uma,, aqui pertinho, é à flôr do chão. Cai no musgo; quasi se não ouve. A que fala mais alto, é a do tanque. Oiço-a rir quando lhe dá o vento... E as outras três: conheço-as bem, conheço-as. Nem a mais triste fala: e tem voz funda. Secaram todas. Que será...? Estão mortas, ou mudaram de caminho sob a terra... Queria ouvi-las, queria. O seu olhar em mim é uma voz de água... E ela não vem! Não posso mais esperar...

UM DOS GUARDAS

Se El-Rei voltasse de repente e se vos visse...

A CEGUINHA

Esta noite sonhei... Se vós soubésseis... Eu dormia de costas, sem bulir. Ela chegou ao pé de mim, e debruçou-se. Muito devagarinho, debruçou-se. Beijou-me os olhos com amor, como quem reza. Eu dizia sem palavras: «Já estou boa». E ria sem me rir, de tão contente. Mas não queria abri-los:—se não fôsse!... Tinha um medo imenso... um medo imenso... Por fim, como quem tira uma pedra de uma cova, fiz um esforço, um grande esforço... Abri-os ambos de uma vez, e vi-a! Ajoelhei-me feliz.—Foi um sonho...

UM MENDIGO

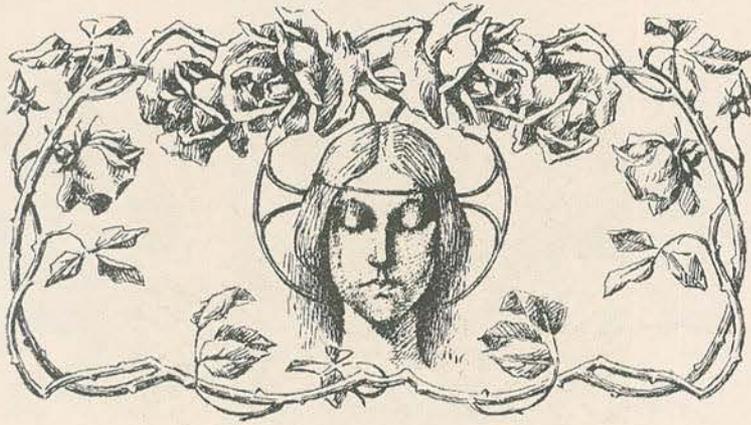
Se ela estivesse morta, e não soubéssemos...

OUTRA MENDIGA

Morta!... Que dizeis vós?... Antes nós todos. Que seria de nós se ela morresse... (*Aos guardas*) Tende dó: dizei; ela está morta?!

UM COXO, *enfiando uma muleta pelas grades*

Ouvís ou não ouvís?... Onde está ela? Dizei porque não vem. Onde está ela? A rainha! A rainha! Está enfêrma? Eu sei que vós sabeis. Já vos não vejo...



VOZES DE MENDIGOS

Não ouvem, fingem que não ouvem. — Acordemo-los com pedras. Talvez oiçam. — Se ela estivesse morta!... Eu quero vê-la. — Venha a nós, venha a nós. A nossa Santa!... Flor da Misericórdia, venha a nós... Que ela apareça já! Que ela apareça!—Só vê-la... Um só instante! Um só instante...

ALGUMAS MENDIGAS, *de joelhos.*

Venha a nós. Venha a nós. Que ela apareça... Um instantinho só... A nossa Estrela!...

O COXO

Deixai-vos de rezar. Não estais na igreja. Podeis estar certas que está presa ali. Prenderam-na no Paço: é mais que certo. E' por isso que os guardas não tem lingua...

UM MENDIGO

Foi por ordem de El-Rei. El-Rei mandou. Não quer que venha a nós como até aqui...

Está escuro agora. Mal se vê. Os mendigos são sombras junto às grades. Um vozear de ameaças mal distinto. No céu violáceo há já estrelas.

UMA VOZ IMPLORANTE DE MENDIGA

Que ela apareça um instantinho... e vamos-nos!...

OS GUARDAS

El-Rei pode voltar, quem sabe lá!—Se os encontrasse aqui, e nesta grita, que seria de nós...—O melhor, é abrimos o portão, varrer o largo.—Vão dar Trindades. Sem perder mais tempo...

Abrem o portão, mas não avançam. Há caixados, muletas pelo ar. Vem cair uma pedra no jardim.

A VOZ DO MENDIGO VELHO

Nenhum de vós se vá, nenhum se vá. Nem que nos matem todos. E' por Ela...

Ela surge na escada. Ouve-se um grito: — «É a rainha! É ela! A nossa Santa!» Traz um vestido de reclusa, gris, tem um aspeto quasi monacal: com as mãos segura a arregaçada tu-

fando de repleta. Queda assim. Sem que os guardas se atrevam a impedi-los, todos passam o portão, vem rodeá-la: mendigos e mendigas e crianças.

ISABEL

Não pude vir mais cedo. Perdoai-me.

Um silêncio gelado, de repente. Ouve-se um tropel: — Dinis que volta. Está a cavalo no largo, entra o portão. Apeia-se ajudado pelos guardas. Os mendigos abrem alas com terror, e dobram os joelhos quando passa. Nem os vê sequer; vai para ela. Sobe alguns degraus, pára a fitá-la. Isabel, imóvel, tem uma expressão de humildade dolorosa. Passam assim segundos.

DINIS, *com uma voz rouca, lentamente.*

O que trazeis aí, na arregaçada?...

Isabel hesita, empalidece.

ISABEL

Nada... Trazia flores... Flores que eu colhi...

DINIS

Deixai, deixai-me vê-las... Quero vê-las...

Isabel abriu a arregaçada. Todos olham ansiosos, menos Ela, que parece alheia, muito branca, enquanto caem flores nos degraus, rosas e rosas brancas, muitas rosas, no pasmo maravilhado dos que a cercam.

UMA MENDIGA, *extática, a olhá-la*

E' uma roseira branca que se esfolha!...

VOZES DE MENDIGOS

Deus falou pela bôca dela... Era verdade...—Não ha rosas assim. Ninguêem as pi-se...

DINIS, *atônito.*

Eram pães—dizei—trazíeis pães!?

ISABEL, olhando emfim, numa alegria de êxtase, tremendo.

Meu Deus!... Meu Deus!... Trazia rosas... Não vêdes!... Vêde... Muitas rosas brancas...

Levanta algumas, beija-as comovida. Batem Trindades num silêncio místico. Os mendigos e os guardas, de joelhos, beijam tambem as rosas brancas, assombrados.

Uma Festa Elegante



Na Figueira da Foz

Foi uma das festas mais interessantes da «saison», a recita de caridade promovida na Figueira da Foz por M.^{me} Isabel de Souto Rainha e por seu marido Dr. A. Rainha. Foi Lucilia Simões a gentil ensaiadora e d'essa festa que o Dr. Pedro Nazareth dirigiu e n'ela foram figuras predominantes M.^{me} Bar-



roso de Moraes, M.^{elles} Aline de Brito, Teixeira Lezal, Albertina Navigné, Armanda Leitão, tendo a recita sido um verdadeiro mimo literario e artistico

em que o prazer dos ricos foi o pão dos pobres. D. Isabel Rainha foi um pouco a Santa de Portugal que soube com a sua iniciativa transformar as rosas em pão.



M.^{me} Rosa Barroso de Moraes, distinta amadora de canto. M.^{elle} Aline de Brito, distinta amadora de canto, discipula de M.^{me} Mantelli. («Clichés» G. Tinoco).
O côro da Lysistrata de Lincke.



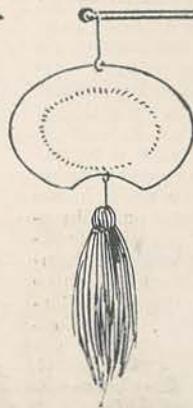
Os pescadores de Ovar



Um dos mais interessantes aspectos da festa.

Barbear, Pentear

Barbear, pentear, «hair-dresser», «coiffeur». — Do mestre escama Figaro vulgar ao barbeiro moderno. — Um livro de Fialho e um quadro de Malhõa. — Barbeiros em grève. — Um barbeiro ilustre. — O elmo de Mambrino. — Uma barbearia ultra-chic.



Barbeiro d'Aldeia — Quadro de José Malhõa

Não ha duvida que o mundo progride e que se um fradinho de Alcobaz resuscitasse para fazer a barba na praça dos Restauradores, ele emudeceria de espanto ao ver como o ser barbeiro hoje em dia não é lá qualquer coisa que se improvise e faça de um momento para o outro. No seu tempo uma navalha, sabão e uma toalha e eis uma loja de barbeiro montada no que respeita a ferramental. Mais a amendoa de pedra para fazer bochechinha e a tagarelice do barbeiro para distrair o freguez e era um negocio sem mais aquelas. Hoje não. Uma barbearia de luxo



Barba e cabelo (De «The Tattler»)

é um estabelecimento como um grande «restaurant», uma ostentosa camisaria ou um consultorio da moda. São as cadeiras mecanicas, comodissimas, ultima palavra, são os perfumes, os «cosméticos», os «shampoos», as escovas rijas, macias, sedosas, pequenas e grandes, são os vinte mil ferros de frisar, de ondear, de refrisar, são as quinas e as varias malas artes de evitar a calvicie, são os aparelhos de massagem, de perfumar, pulverisar, do diabo puxado a quatro com sua respeitabilissima sogra á estribeira. É uma coisa complicada hoje ser barbeiro. E aí tem o leitor o quadro celebre de Malhõa «Barbeiro de al-

deia», o primitivo da arte e compare-o com as gravuras que se lhe seguem e diga-nos se na comparação não estão um para o outro como um caiaço está para um transatlântico ou um carro de bois para um automóvel.

Pois, note o leitor, o barbeiro que é hoje uma pessoa importante e tanto que até já houve uma greve de classe para obtenção de regalias, tem no seu passado ancestrais gloriosos. Beaumarchais immortalizou o «Figaro» casando-o e escrevendo o «Barbeiro de Sevilha», Fialho es-



O pessoal do «Golden Palace»

creveu um livro com o título que encima este artigo, uma escudela de Barbeiro era o celebrado elmo de Mabrino do «D. Quichote» e o «Barbeiro amoroso» foi uma das mais representadas comédias do século XVIII. Mas Domingos dos Reis Quita, o poeta setecentista, era barbeiro. Tudo isto são outras tantas cartas de nobreza e até já Nicolau Tolentino em seu implícito louvor confessou em verso que quando estava escanhoado ninguém lhe metia inveja:

«Quando estou escanhoado
Não me troco por ninguém.»

Pois tudo isto nos passou pela mente ao ver o desenvolvimento que a arte vai tomando. E porque todos estes aspectos são curiosas ma-



Uma fregueza

nifestações da vida do nosso tempo, aqui tem o leitor aquilo que se poderia chamar «uma catedral» ou seja a arte levada ao requinte, a barbearia ultra-chic; científica, luxuosa, a barbearia de uma grande cidade. O «Golden Palace», da praça dos Restauradores, aparece-nos como a última palavra. Inaugurada há pouco, aí tem o leitor alguns dos seus aspectos, e os seus requintes de luxo e de conforto.



Interior da barbearia
«Golden Palace» na P. dos Restauradores



A PAISAGEM PORTUGUEZA



O PINHAL DE VILA CHÃ
(«Cliché» de Francisco Guilhermé Lacombe Neves)

ALMAS COMPLICADAS

Tu dizes que eu fui sempre indiferente,
Eu digo que tu nunca me interessaste;
Eu fujo de te ver e a ti apraz-te
Fazer-me tudo quanto me apoque.

Eu sinto que tu nunca duvidaste
Da paixão que mascaro inutilmente,
Como o teu coração decerto sente
Que o meu adivinhou o que ocultaste.

E penso: que, depois de ambos sabermos
O que ambos torturados encobrimos,
Continuar a fingir, como fingimos,

Embora isso nos cause pena e tédio,
E' fazer como fazem os enfermos
Que mentem quando o mal... é sem remedio!

1919—Desembro.



Entre o Céu e a Terra

IMPRESSÕES DA MINHA INICIAÇÃO NA ACROBACIA AEREA COM O INFORTUNADO



por
Belo Redondo

POBRE Gaston Bourgeois! Quão longe estava eu de pensar, n'aquela formosa manhã de 18 de novembro — quando tive o inesquecível prazer de voar em sua companhia — que as garras da Morte colheriam as azas do seu aparelho e ele seria, dois dias depois, apenas, uma massa informe e ensanguentada. E' que Bourgeois convencera-me, mercê da sua inigualavel audácia e fina técnica, que o problema da aeronautica estava resolvido e não era já possível a queda de um aparelho que fosse pilotado por um aviador da sua categoria.

Mas, infelizmente, não sei por que extranha ironia do Destino, o seu rosto sempre risonho e iluminado pelo

fulgor de pouco mais de vinte anos substituiu-se na tarde de 20 de novembro por uma máscara horrivel, de retalhado e lugubre que ficou. A Morte, que o poupára durante quatro anos de guerra, veio, afinal, a prostralo quando ele se preparava para abandonar a arma que tanto honrara e a que tanto queria.

Bourgeois foi a coragem personificada. A sua mocidade audaciosa constituiu um dos mais fortes esteios da França, quando este paiz erguia altivamente o pendão da liberdade em nome do mundo civilisado. Certa deliciosa lenda do norte tecera mesmo em volta do seu nome a fama de invencivel; mas afinal o encanto quebrou-se. Isto não quer dizer, porém, que a boa gente de Maubeuge, ao recordar as façanhas do seu patricio, acredite na sua morte...

Já alguém afirmou ser um sacrilégio chorar ante as sepulturas dos heroes. No entanto, perante o cadaver d'esse rapaz que o heroísmo quasi santificou, houve

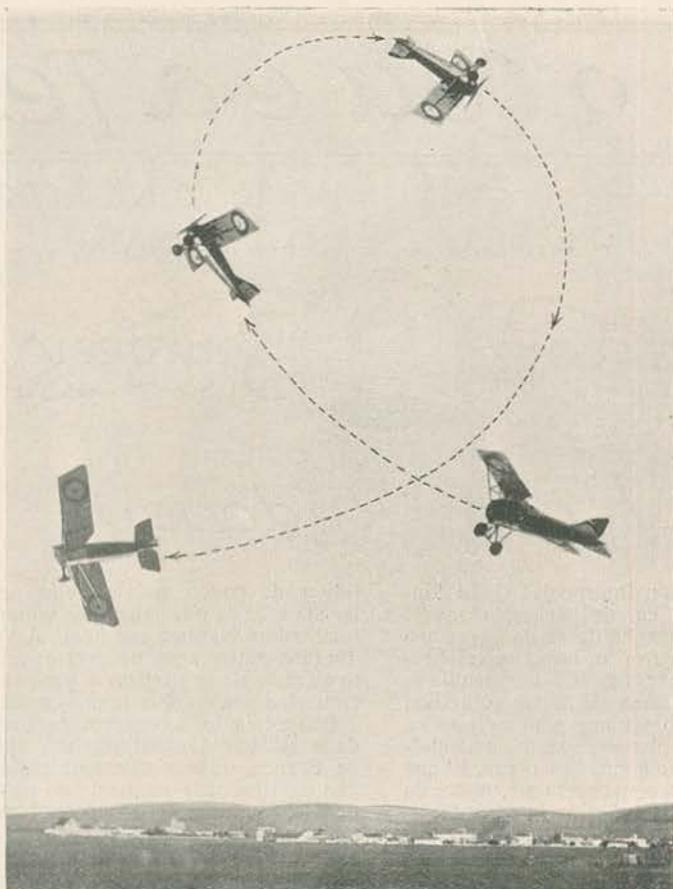


O aviador Bourgeois e o autor depois do vôo

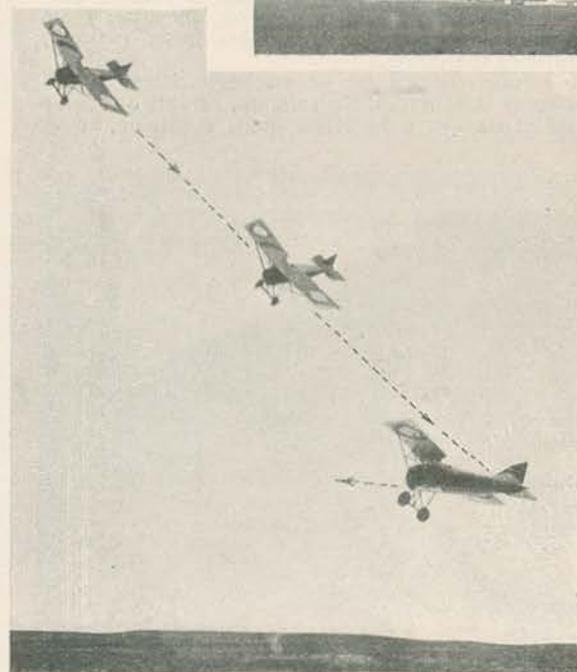
corações que bateram apressadamente e de muitos olhos correram lágrimas, a traduzir uma irreprimível emoção. Assim eu pude e descrever aqui as flores modestas da minha saudade...

23 de novembro.

Cêrca das dez horas, enquanto Fronval e Raynham fazem sobre o campo arriscadíssimas evoluções que a assistência acompanha com emoção, o sr. ministro da guerra toma lugar no aparelho Morane-Saulnier, do aviador Bourgeois, e presta-se a sentir todas as impressões da acrobacia aerea. Não é sem uma certa impaciência que eu presencio estes vôos, desejoso como estou de que eles



«Um looping-the-loop».



Uma «glissade».

não demorem muito, para ter ocasião de andar no Espaço de cabeça para baixo. Afinal, seis minutos depois, o avião faz uma esplendida aterrissagem a meio do campo e o ministro salta, lesto, da «carlingue», a contar as suas impressões ás dezenas de pessoas que o cercam.

Irreverentemente fujo a ouvi-lo e corro a buscar o «passe-montaigne» e os olhos amarelos do major Castilho Nobre, que com a maior amabilidade m'os empresta. Bourgeois, dentro da sua «combinação» acastanhada, em frente da helice, sorri com ironia da minha actividade em

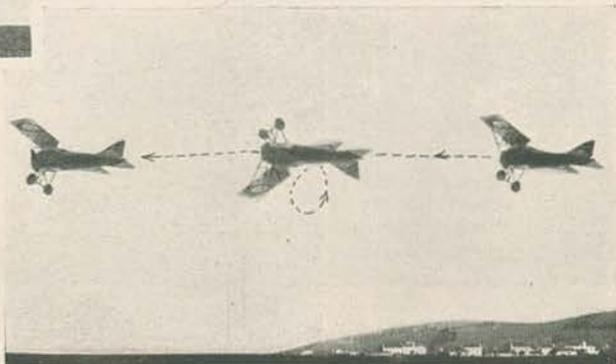
preparar-me para o vôo e, a certa altura, pergunta-me «se sempre estou disposto a correr perigos», como que a assustar-me. Digo qualquer coisa, enquanto salto para o meu logar no aparelho; ha quem me interrogue sobre se tenho doenças de coração e eu, impaciente, aventuro uma resposta negativa, esquecido já de uma pleurisia que, ha tempo, quasi me levou d'esta para melhor.

Em dado momento, depois de me ter amarrado na cintura, o avião desliza suavemente pelo campo, durante um espaço de 100 metros, e ascende em seguida para os lados de Cintra. A' medida que o aparelho sobe na conquista do espaço, a impressão de agrado e bem-estar que sinto para rece que aumenta; apenas, quando me atrevo a olhar fixamente a meia duzia de casitas da Amadora e a campina que se estende até aos contrafortes da Serra

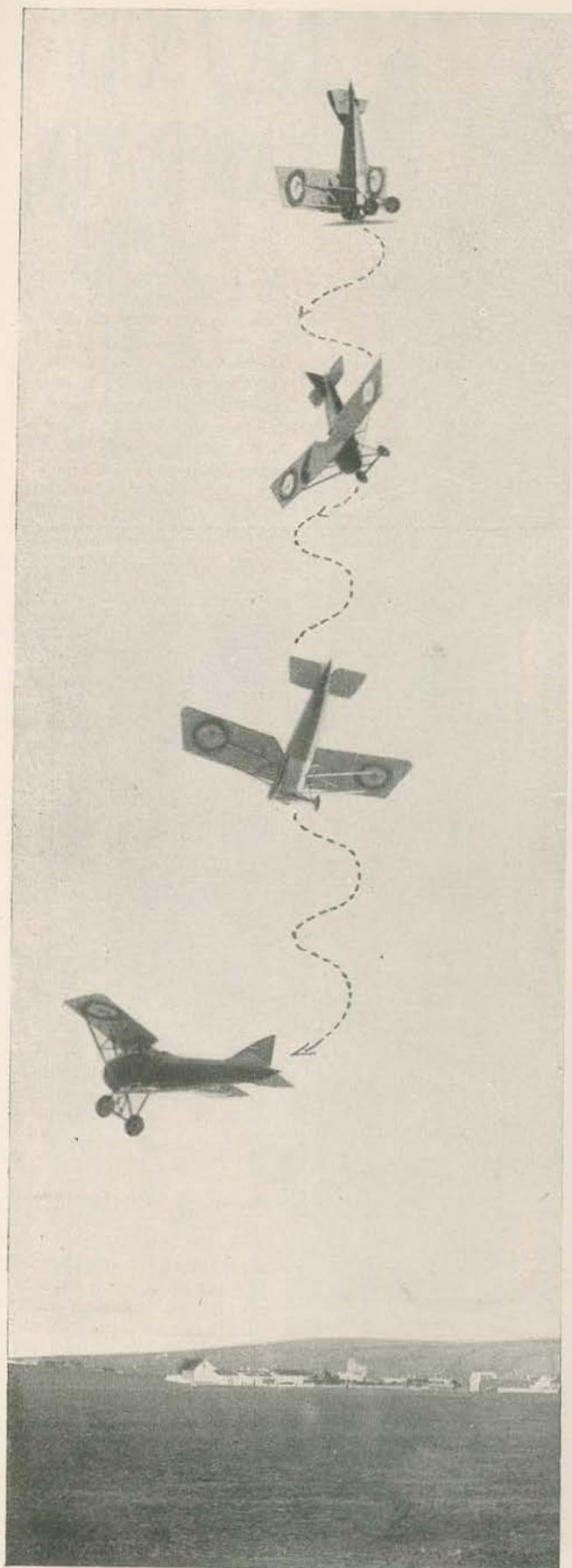
de Cintra, ante a evidencia da grande altura a que voamos, não posso suster este comentario que, por amor á Verdade, aqui reproduzo:

— Ih! Meu Deus! se caímos...

Os senhores imaginarão o resto, que não cheguei a dizer, talvez por falta de coragem... Emtanto, a 1:200 metros o panorama que se disfruta é esplendido, empolgante. Ao longe estende-se a cidade em anfiteatro, rodeada pelo Tejo e mergulhada na meia nevoa suavissima da manhã. A' entrada da barra, a torre do Bugio ergue-se no meio das aguas azuladas, como sentinela vigilante de Lisboa, e os montes da Outra-Banda repousam junto do rio, cobertos da primeira poalha dourada de sol. Estamos fazendo agora um vôo «planado», a uma velocidade de 100 quilometros á hora, e sinto-me excellentemente disposto, mas vou pensando que me julgaria Deus, senão fôra este receio—bem justificado, afinal—de cair lá em baixo, na imensidade verdejante da campina...



Um «tonneau».



Bourgeois inclina-se agora sobre uma das azas, tenta voltar-se para mim e grita, a prevenir-me: — «Monsieur! «looping the-loop!»

Ainda bem não me tenho agarrado aos dois varões de ferro que estão em cada um dos lados, junto dos braços da minha cadeira, e já o aparelho se coloca n'uma posição perfeitamente horizontal, de modo que não avisto mais que o proprio avião ascendendo na conquista do céu. De repente o motor pára, ao mesmo tempo que o aeroplano se volta sobre si mesmo e se precipita depois no espaço com todo o seu peso, não me deixando vislumbrar, de cabeça para baixo, mais que uma pequena porção de terreno. A impressão que sinto é por tal forma terrível — mistura de pavor, de cansaço, de... sei lá! — que sou forçado a fechar os olhos a meio da manobra — não seja o caso que enlouqueça sob a emoção do choque, como certos personagens dos contos de Edgard Poë. — Quando abro novamente os olhos vamos em vôo «planado», a uns 500 metros. Respiro... por pouco tempo, porém, pois o aparelho volta-se sobre as proprias azas, uma, duas, tres vezes... dando a impressão de querer «despejar-me» sobre a casaria da Amadora. Suponho que o «looping» e estes «tonneaux» devem ter feito de mim qualquer coisa como que um pobre diabo que sente a morte proxima, mas grito, no entanto, a Bourgeois uma saudação á sua pericia, para o convencer de que me impressionaram pouco taes manobras e áe que conservo toda a minha serenidade e presença de espirito.

Com aquele sorriso de ironia que não deixa de lhe entreabrir os lábios a todo o momento, o aviador volta-se na sua cadeira e diz-me n'um entono que me parece um tanto ou quanto ameaçador: — «Très bien... très bien...»

O aeroplano descreve algumas belas evoluções sobre o campo de aviação, mas em certa altura começa a uns 800 metros, uma dança excêntrica, de voltas e reviravoltas continuadas, como n'um galopim desenfreado que me causa calafrios e quasi não me deixa, sequer, respirar.

Por vezes assalta-me o desejo de pedir ao piloto que desça, mas um pouco d'esse amor proprio que tem feito a reputação de muitos «reporters» impede-me de o fazer.

Reparo que Bourgeois vai absolutamente sereno na sua cadeira sem que pareça incomodado esta ventura agreste que me causa arrepios e tremores. Ao longe, na direcção do nosso vôo, alguns homens do campo deixam de trabalhar para seguirem curiosamente as evoluções do aeroplano; quando alcançamos a colina onde se encontram, o avião inclina-se sobre eles, deixa de ouvir-se o ruído do motor e vem, rodando sobre si mesmo, em espiral, caminho do solo. Apesar da situação difficil em que me encontro n'este indescrivel momento de angustia, posso ver ainda os espectadores das nossas manobras fugirem apavorados. Tenho a impressão de que vai dar-se uma grande desgraça... mas não; segundos depois, em menos tempo que o preciso para o descrever, o aparelho retoma a sua posição normal, a uma pequena distancia da terra, e segue para a Amadora... Bourgeois volta-se para mim e sorri — fez-nos, sem duvida, a mim e aos pobres camponeses, uma boa «partida»...

O aparelho efectua ainda umas manobras relativamente insignificantes... — «renversements», simulacros de quedas sobre os seus «hangars» do aerodromo, etc. — mas, por fim, tudo isto me causa apenas uma pequena impressão. Cinco minutos de vôo bastaram para domesticar os meus nervos e normalisar o meu espirito — ante esta anormalidade. De modo que, algum tempo depois, estou já completamente tranquilo e não é sem uma certa saudade do Espaço que eu sinto poisar na terra firme a graciosissima ave Morane-Saulnier, no aconchego de cujas azas acabo de sentir as maiores emoções da minha vida...

AS ÚLTIMAS CREAÇÕES



DA MODA NAS CRIANÇAS

As últimas novidades em fatos de criança são pouco mais ou menos as que apresentamos aos leitores. São agasalhantes, como é bem de ver visto que são de inverno, mas são agasalhantes sem excluir o serem bem lançadas e de um artístico corte. Assim a nossa primeira gravura é a de um casaco de malha dos Pirineus para menina. A que lhe fica inferior, o mesmo modelo e



«Glichés»
da
Fotografia Serra
Ribeiro

um «manteau» de malha com guarnições. A primeira da segunda coluna é a de um casaco de pano, «bordeaux», e a que se lhe segue um fato de malha para menino em lã dos Pirineus com guarnições em xadrez. A terceira coluna mostra-nos um fato de malha, lã dos Pirineus, com guarnições em xadrez e um fato em veludo, novidade «Chantilly». O último modelo é finalmente um vestido de malha com guarnições em xadrez. São vestidos elegantes e de uma grande simplicidade.

LIVRO DO DIA



SANGUE PORTUGUÊS

por H. LOPES de MENDONÇA

PORTUGAL-BRASIL, L.^{da}
SOCIEDADE EDITORA

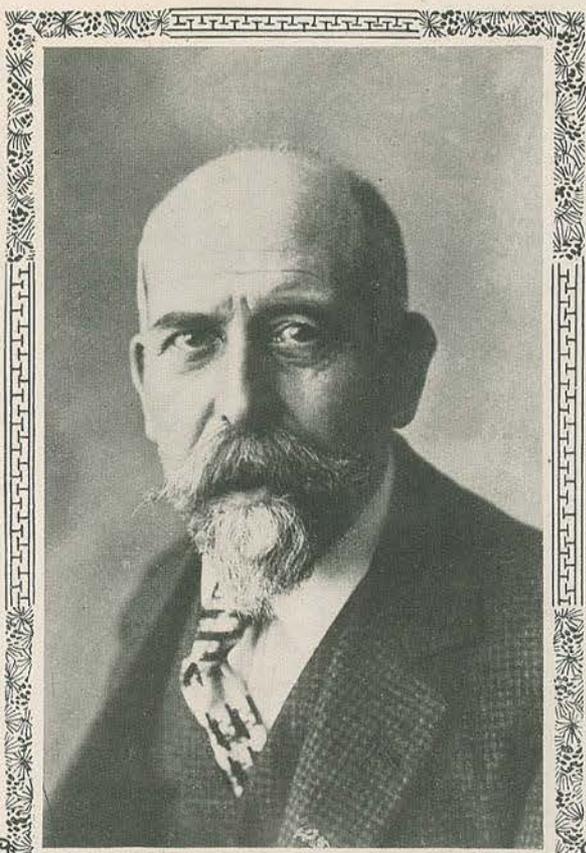
HENRIQUE Lopes de Mendonça acaba de publicar o *Sangue Português*. «Sangue Português» denuncia heroísmos, amores, impulsos trágicos, peripécias cómicas, até pecadilhos e vaidades que lhes variegam a trama», diz o autor no seu prefácio e em verdade, tudo isso que ha a mãos plenas na nossa raça ali está. tremor de

mãos de artista. E' Azamor e as suas ruas tortuosas do século XVI, governadores, mouros, veteranos de Affrica, em o *De-año*. E' o Tejo, mestreaes, os paços de S. Martinho, a plebe, o rei, no *Terror inglês*. E' *A Cavalgada dos nus*, em Arzila, trecho de epopeia, façanha portuguesa.

E na *Justiça do visão-rei* o Gama, e é no *Crime de Arronches* uma cena íntima da nossa vida provincial.

exuberante, rendilhado em prosa elegante e castiça, prosa de mestre e de emotivo, prosa ora cheia de louçanias e filigranas, ora severa, sobria, castigada, como o assunto a pede e como só o talento a sabe fazer.

Henrique Lopes de Mendonça é o dramaturgo, o romancista, o poeta, o historiador. Tudo isso a sua pena soube narrar e de tudo isso soube extrair maravilhas. Este *Sangue Português* é a afirmação viva do que asseguramos. Nas suas paginas passam em tropel figuras e cenas da vida portuguesa dos tempos idos evocadas em toda a sua pujança por



Henrique Lopes de Mendonça.

(«Cliché» de Furtado & Reis).

Cada conto, cada episodio é um Gobelinx, uma preciosa tapeçaria onde as mais vivas cores estão dispostas com arte infinita. Lopes de Mendonça prestou um bom serviço á prosa portuguesa reunindo em volume estas paginas para o qual o grande artista que é Columbano fez a capa de que damos a reprodução.

São duzentas e vinte e quatro paginas que vale a pena ler e que nos deixam a magua apenas de serem tão poucas e tão curtas, afinal...

ATUALIDADES

NEM grandes, sensacionais acontecimentos nem factos importantes durante a semana. Casou-se o abastado proprietário em Ferreira do Alentejo, sr. Luiz Pessanha Pereira com a sr.^a D. Maria Julia Pessanha de Vilhena, sendo o acto celebrado com grande brilho e luzimento. Nas n. ssas gravuras encontram-se os noivos e um grupo dos seus convidados. Tambem as nossas gravuras mostram ao leitor as exequias por alma do dr. Sidonio Paes, o retrato do contra-almirante Borja de Araujo recentemente falecido e um aspecto do seu funeral, o estado em que ficou um predio mal construido na Travessa das Freiras, n'um colegio, sendo uma felicidade estranha o não ter havido victimas. Beatriz Vilela a ferida pela bomba na Travessa de Santo Antão e uma curiosa exhibição de trabalhos escolares que na Escola Officina n.^o 1 se realisou. Como se vê são o dia a dia que passa e cuja impressão a illustração Portuguesa procura dar a mais completa ao leitor.



As exequias pelo Sr.



Dr. Sidonio Paes na igreja dos Martires.



Grupo de convidados com os noivos D. Maria Pessanha de Vilhena e Luiz Pessanha Pereira.



Beatriz Vilela no Hospital de S. José.



Casamento elegante.—O contra-almirante Borja de Araujo.—O desabamento da Rua das Freiras, a Arroios.



O enterro do contra-almirante Borja de Araujo



passando na Avenida Almirante Reis.



A exposição de trabalhos pedagogicos na Escola-Officina n.^o 1. — (Clichés Serra Ribeiro).

O ESTRANGEIRO
ARTISTICO

O BOLCHEVISTA



Pois o bolchevista como se vê destruiu a paz do lar, derrubou a propriedade, vilinou indefezas criaturas e instalou o caos onde reinava a ordem. E tem o ar cabeçudo e triunfante de quem fez tudo aquilo em defeza dos principios. Os principios d'ele, já se vê, que são aqueles que a nossa gravura apresenta pelo pincel scintillante do artista inglez.

Do «The Illustrated sporting and dramatic news».

1841

1919

AGENCIA INTERNACIONAL

DE

INFORMES COMERCIAES

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

245 SUCURSAES NAS CINCO PARTES DO MUNDO

78 anos de existencia

Unica agencia de Informes Comerciaes que possui
DEZ SUCURSAES proprias na Peninsula:

- BARCELONA.* — *Calle de Bilbao, 198*
- BILBAO* — *Calle de la Estación, 5*
- LISBOA.* — *Rua do Comercio, 103*
- MADRID* — *Calle Nicolas Maria Rivero, 8-10*
- MÁLAGA* — *Alameda de Wilson, 19*
- MURCIA.* — *Plaza de Cetina, 2*
- PORTO.* — *Rua do Almada, 10*
- SEVILLA* — *Calle Cánovas del Castillo, 14*
- VALENCIA.* — *Calle de Sorni, 2*
- VALLADOLID* — *Calle de la Constitución, 7*

Central para PORTUGAL: 103, Rua do Comercio-LISBOA

Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO

M. FONT

Director geral para a Europa Occidental



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias

1919

1841



DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçadas na ilharga socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA

DO CORPO MEDICO FRANCEZ.

EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODOS DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY

15, rue de Rome, PARIS



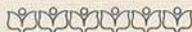
U passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe se-

guiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 58000 réis.



TRABALHOS TIPOGRAFICOS

Fazem-se nas officinas

da

"Ilustração
Portugueza"



Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na

Camelia Branca

Lº D'ABEGOARIA, 30
ruo Chiado - Telef. 3270

V. Ex.^a Perderá muitos kilos

SE TOMAR O

CHÁ PARA EMAGRECER DO DR. CALVERT

PREPARAÇÃO DE MADAME CAMPOS

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra

De todos os medicamentos que existem para a cura da obesidade o mais efficaz é sem duvida o **Chá do Dr. Calvert**. Esta excelente preparação é considerada pelos nossos illustres clinicos como o verdadeiro especifico da obesidade.

**Sem dieta e sem nenhum INCONVENIENTE
nem PERIGO para a SAUDE**

DEPOSITOS

Laboratorio d'Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA DA LIBERDADE, 23 — LISBOA

SALÃO MIMOSO — Rua Augusta, 282-LISBOA

BAZAR SOARES — Rua 31 de Janeiro, 234-PORTO



SUPLEMENTO HUMORISTICO DE

O SECULO

Propriedade de J. DA SILVA ORAÇA, Limit.ª

Director: AGACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa



ANO NOVO E ANO VELHO



Apre, que ainda é mais feio do que o pai!



PALESTRA AMENA

Mais coisas

Houve quem duvidasse do que ultimamente contámos aqui, com a sinceridade que nos caracteriza e que publicamente poderíamos significar com a afirmação de que não temos papas na lingua, com respeito á *seriedade* d'alguns comerciantes, os quais levam ao freguez doze vintens por uma torcida de candieiro, que n'outra parte custa quatro, e dez mil réis por um livro, que n'uma loja, dois passos adiante, custa cinco — desculpem o não fazermos a conversão para moeda moderna, porque levamos muito tempo nos calculos — e, afinal, com toda a gente se tem dado casos semelhantes, acontecendo apenas que, por muito habitua-dos, os queixosos deixaram de lhes dar atenção. Querem mais? E' o que falta por aí!

Ai vai outro, que tambem se deu conosco e que se não é analogo aos anteriores, tem, contudo, a mesma força probativa, quanto ao tema que pretendemos expôr:

O nosso pescoco — nosso e da leitora que o queira acariciar — mede uma curta circunferencia, apesar de servir de base a um dos cerebros mais poderosos da actual geração literaria: mede 36 centimetros, ou antes, 35, porque o numero 36 representa o colarinho para a respectiva camisa e, por consequencia, um boçadinho mais larguinho do que o cós da mesma.

Bem. Como ha tempos precisasemos de comprar colarinhos, porque da meia duzia que, felizmente, já possuímos, tres achavam-se em estado precario, apesar da engomadeira os ter engomado varias vezes do avesso, a fingir que era do direito, e dois haviam desaparecido nas trouxas insondaveis da lavadeira, talvez para fazerem figura no pescoco d'algum cavalleiro de Loures, dirigimo-nos, levando no pescoco o unico que nos restava, a uma camisaria da Baixa, onde expuzemos os nossos desejos.

- Tem colarinhos?
- Sim, senhor.
- De 36?
- Sim, senhor.

Vieram caixas, abriram-se caixas, amontoaram-se caixas — e, confiando no bom gosto do caixeiro, que nos declinava as vantagens de varias marcas estrangeiras, umas politicas, outras literarias, outras geograficas, etc. — colarinhos *Gambetta*, *Victor Hugo*, *Alsacia* — dissemos rapidamente, para que o não apavorar a valia da compra:

— Queira o senhor escolher dois d'uma marca qualquer; das que melhor lhe pareça...

O caixeiro ficou mediocrementemente impressionado, mas imediatamente tirou d'uma das caixas dois colarinhos; dos mais amarelcidos e ia a embrulha-los n'um pedaço de papel pardo, quando nos lembrámos de os examinar. Admi-

râmo-los e exclamámos, com surpresa: — 39! A medida d'estes colarinhos é 39 e nós precisamos 36. O sr. enganou-se...

- Não enganei.
- Como assim?
- Afinal, 36 não tenho, mas leve 39... que é a mesma coisa.

Não os levámos, posto que muito respeitásemos a opinião do senhor empregado, que de modo algum procurava enganar-nos, mas aumentar, como era do seu dever, os haveres do patrão, *puxando para a casa*. Não os levámos e fomos a outra loja, onde procedemos nós próprios á escolha, tendo ainda no ouvido a ultima frase do caixeiro, que nos pretendia impingir colarinhos 39 por 36:

— Isso encolhe muito. Deixa-lo encolher. Por estas e outras é que estamos de pé atraz com o trafico local, fazendo, no emtanto, justiça aos comerciantes que ainda vendem torcidas a quatro vintens, como o *Lino Ferreira*. Aí fica o nome, que bem merece o reclame, com tresentos mil diabos!

J. Neutral.

Novo regimento

Votou-se ou está para ser votada uma lei restringindo o espaço de tempo destinado a cada discurso parlamentar, obrigar os senadores e deputados a comparecer ás sessões, etc., mas, na nossa opinião, semelhante lei não será proficua enquanto não sofrer as modificações que o *Seculo Comico* lhe introduzirá. Que, afinal, enquanto a rapaziada brava cá da casa não fór chamada ao poder, tudo isto continuará á matroca, como a beleza da vida que todos conhecem.

Eis o nosso projeto, de lei:

Artigo 1.º — São abolidos os discursos.

Artigo 2.º — Os deputados e senadores não empregarão em qualquer assunto mais do que o numero de palavras necessarias.

Artigo 3.º — Por cada palavra a mais



das necessarias, o presidente applicará uma palmatoada ao orador.

Artigo 4.º — Cada deputado ou senador é obrigado a executar pelo menos um trabalho proficuo de duas em duas sessões.

Artigo 5.º — Aquele que não cumprir o artigo 4.º será advertido a primeira vez com uma duzia de açoites; se reincidir ser-lhe-ha retirado o mandato.

Artigo 6.º — Ficam revogadas todas as aguas mornas em contrario.

Falsificação

Recebemos a seguinte carta:

«Sr. redactor.

Tendo os jornais noticiado que appareceram no mercado falsificações do 914, recorro á sua reconhecida amabilidade para me dizer do que se trata, por quanto a descoberta traz-me intrigadissima.

De v. leitora assidua e obrigada

M. F.»

Temos a responder:

Ex.ª Sr.ª

E', decerto, v. ex.ª uma menina e por isso aconselhamo-la a que não procure, em regra, perceber o que viu em



letra redonda. Em todo o caso, nas circumstancias presentes, nada impede que v. ex.ª seja esclarecida sobre o que deseja; trata-se d'um bilhete de loteria, o 914, que appareceu falsificado. Não é, soçegue v. ex.ª, se joga com cautelas da loteria da Santa Casa da Misericordia, mas d'outra onde jogam muito maior numero de individuos do que n'aquella — quasi toda a humanidade, emfim, dando-se a ratice do vicio se transmitir de pais para filhos e chegando mesmo a sair a estes, muitas vezes, premios da dita loteria quando quem se habilitou não foram eles, mas os seus antepassados.

Se esta explicação não a satisfizer, rogamos-lhe que não insista mais, porque somos uns desastrados quando tratamos com senhoras e poderíamos, involuntariamente, deixar escapar alguma palavra menos propria das do sexo a que v. ex.ª pertence.

Com a mais alta consideração somos de v. ex.ª veneradores e obrigadissimos.

A serio

A minha Mãe

Viste o lar cheio de vida,
Hoje tudo te entristece;
Não te esqueças, mãe dorida,
Que Deus ama a quem padece.

Filhos tres, o esposo, amados,
Mesmo um neto, te roubaram;
Mais que todos, desgraçados,
Sómos nós, os que ficaram.

Cultivemos a saudade
N'um canteiro — o coração —.
Para os mortos, piedade;
Entre os vivos, afeição.

Lisboa, 5 de Agosto de 1919.

Fernando Calado Nunes.

**Vai faltar o azeite**

Entrevista muito rapida, porque o tempo é dinheiro.

Para sabermos a razão por que o azeite ia faltar, um reporter cá da casa dirigiu-se ao dito, que se encontrava em borra, no fundo d'uma galheta?

—E' certo que vai faltar o azeite?

—E'.

—Por que razão?

—Porque vai faltar o vinagre.

Imediatamente o reporter correu a casa do vinagre, que estava n'uma garrafa na despensa.

—Vais faltar, vinagre?

—Vou.

—Por quê?

—Porque vai faltar o bacalhau.

N'um pulo, chegou o nosso empregado a casa do bacalhau, que estava de molho para o dia seguinte e fez a pergunta:

—Vais faltar, bacalhau?

—Vou.

—Por quê?

—Porque vão faltar as batatas.

Escusamos de contar o resto. As batatas vão faltar, porque vai faltar o estrume; este, porque vai faltar o gado que faz o estrume; o gado, porque vai faltar o pasto... E assim por diante, como o pau, que bate no cão, que morde no gato, que papa o rato, etc., etc!

Hospitais

Levanta-se agora a questão dos hospitais e veem a lume curiosas revelações, que afinal, não são novidade para ninguém; o que acontece é que alguém se lembrou de tirar conclusões de factos que a imprensa todos os dias noticia e que não faziam vulto por andarem dispersos.

Mas nem tudo nos hospitais é mau,



apesar do que se conta. Os proprios jornais dizem que, ao passo que se regateia dinheiro para material, roupas, etc. ele aparece para maquinas de escrever e outros objectos, que os censores julgam desnecessarios, mas que, afinal o não são.

Quem lhes disse aos senhores que as ditas máquinas de escrever — só citamos este objecto, que se imagina superfluo — não é applicavel a qualquer enfermidade, não representa uma descoberta medica?

EM FOCO**Mercedes Blasco**

E' a segunda vez que em curto prazo A Mercedes Belmiro em verso canta, Mas a estima que tem por ella é tanta Que não deve ninguém troçar do caso.

De novo invoca as damas do Parnaso Porque um feto boato se levanta: Que a ofendera, diz um sacripanta, No primeiro soneto a que deu aso!

Para que um empresario se convença De que é actriz de intelligencia rara E d'uma illustração (a sercio) imensa,

Ai fica segundo, ó gente ignara! E agora a quem disser que este é ofensa Palavra d'honra que lhe quebro á cara!

BELMIRO.

Ha um doente de cisma: pois não pode o facultativo receitar-lhe um tratamento de distração e não pode esse tratamento ser precisamente um exercicio de escrita á máquina, pelo enfermo?

Ora então, não sejam más linguas e lembrem-se os da campanha que, assim como aos condenados á morte se satisfazem todos os desejos, muitas vezes a cura pôde consistir em conceder a um doente caprichoso a satisfação de qualquer extravagancia, o que se verifica — para não irmos mais longe — nas gravidas.

Cremos que nunca ninguém se lembrou de censurar os pelintras das *Boemias* pela oferta do regalo á Mimi, á hora da morte...

—Trim... trim... trrim... O director geral?

—Trim... trim... trrim... Sou, eu. E' o sr. ministro?

—Sou. E' a respeito do decreto de hontem.

—Diga vossa ex.^a.

—Oiga. Faça uma emenda no artigo primeiro. Onde está «sim» mande pôr «não».

—Sim, senhor.

—E no artigo segundo. Onde saiu «preto», escreva «branco».

—Sim senhor. E no artigo terceiro?

—Mande-o publicar de novo, mas ás avessas...

—Está muito bem.

—D'esta vez fica resolvida a crise; não lhe parece?

—Evidentemente.

E assim sucessivamente.

As providencias governamentais

N'uma coisa está toda a gente d'acôrdo quando d'alguns dos ministerios sai um decreto com o fim de remediar as crises actuais: em fazer justiça á boa vontade de quem decreta. E n'outra coisa está tambem toda a gente d'acôrdo na mesma occasião: em fazer justiça á ignorancia de quem decreta. Ora leiam o que um nosso reporter abelhudo surpreendeu um dia d'estes pelo telefone:

—Trim... trim... trim... Está lá?

—Trim... trim... trim... Quem fala?

—Ministro. E' o director geral?

—Sou. V. ex.^a que deseja?

—Já mandou fazer o decreto sobre o que sabe?

—Já. Vou manda-lo imediatamente.

—D'esta vez fica resolvida a questão das subsistencias, que lhe parece?

—Evidentemente...

No dia seguinte á da publicação do decreto:

A' Laurita Costa

(No seu aniversario).

Um brinde retumbante e belo exige-o A tua peregrina formosura.

Pobre de mim tão longe: do fastigio, Abalancar-me a tal será loucura.

O fausto aniversario dum prodigio Demanda pensamentos á altura, Eu sei?! Um lindo barrretinho frigio, Em *presidenta*, que ha-de ser futura.

Tudo pode alcançar Laurita Costa, Brillante puro e do melhor quilate. Mas não renego garantida aposta,

Que muitos cuidarão ser disparate: Vou apostar como ela mão desgosta Duns miseros *bonbons* de chocolate.

15-XII 918.

G. P.

“Toilettes” modernas



O marido:

— Já despida a estas horas?! Vais para a cama?

— Não, meu tolinho: vou para o teatro...



«Natividade». Gaspar Vaz. (Seculo XVI. Escola Portuguesa)
No Museu Nacional de Arte Antiga.



«Adoração dos Reis Magos». (Seculo XVI. Escola Portuguesa)
No Museu Nacional de Arte Antiga.